

# ENSINO DO EMPREENDEDORISMO BENEFÍCIOS E DESAFIOS

*Gabriela Slompo Pereira*

*gabislompo.p@gmail.com*

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

*Rayse Kiane de Souza*

*raysekiane@gmail.com*

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

*Clarissa Stefani Teixeira*

*clastefani@gmail.com*

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

**Resumo:** As definições de empreendedorismo são variadas na literatura e esse tema apresenta uma grande quantidade de lacunas de conhecimento a serem exploradas. Entre essas lacunas, tem-se a educação empreendedora. Esta é associada com a orientação para realização de escolhas, contribuindo para a estruturação do projeto de vida dos indivíduos. O objetivo deste artigo é identificar os benefícios e desafios da educação empreendedora no ensino superior, para o indivíduo e para a sociedade. Para isso, foi realizada uma revisão exploratória bibliográfica, executando pesquisas em bases de dados com os temas: empreendedorismo, empreendedorismo e universidade, empreendedorismo e jovens adultos e características empreendedoras. Com a pesquisa, percebeu-se que a sociedade é beneficiada pelo movimento de formação de novas mentes empreendedoras, principalmente pela redução do desemprego e pelo aumento do auto emprego, também proporciona um contentamento no meio de trabalho e melhora a condição de vida desses indivíduos. Porém, este ainda é um campo onde a interdisciplinaridade e a grande dependência de investimentos gera uma

comunidade universitária fragmentada, no qual, muitas vezes, as instituições não estão preparadas para trabalhar com educação empreendedora.

**Palavras-chave:** Ensino empreendedor, Empreendedorismo, Incentivo ao empreendedorismo, Benefícios da educação empreendedora.

## INTRODUÇÃO

O empreendedorismo ganhou cada vez mais espaço acadêmico na última década, desde o início do século XXI (Tavares, Moura & Alves, 2013). Brands-tätter (2011) afirma que o número de pessoas corajosas o bastante para iniciar seu próprio empreendimento seria reduzido em uma sociedade caracterizada por incertezas no assunto e, por conta disso, o empreendedorismo tem se tornado um campo tão ativo de pesquisa em várias disciplinas.

No contexto universitário, Rideout e Gray (2013) afirmam que o ensino se concentra em arquetetar os alunos como bons funcionários dos empreendimentos de uma única linha de carreira. Então, segundo os mesmos autores, somente os alunos que se inscrevem em matérias sobre empreendedorismo estudam conteúdos sobre habilidades empreendedoras, redes, vendas e trabalho em equipes. Porém, esse cenário poderia ser diferente. O papel da universidade é fundamental para o crescimento do pensamento empreendedor. Segundo Başçi e Alkan (2015), a decisão a favor ou contra tornar-se empreendedor depende do contexto multidisciplinar proporcionado pela universidade. Estudantes universitários que recebem alguma orientação sobre empreendedorismo se comprometem com várias atividades extracurriculares durante o período da faculdade e após se formarem. De acordo com a pesquisa de Geldhof et al. (2014), estudantes empreendedores projetaram novos produtos ou serviços, planos de negócio e iniciaram seus próprios negócios depois de terem contato com o empreendedorismo na sua graduação.

O ensino empreendedor atual, no entanto, pode parecer altamente diversificado e eclético. Segundo Rideout e Gray (2013), podem-se observar iniciativas de ensino empreendedor que empregam abordagem tradicional de gerenciamento de pequenas empresas até abordagens mais recentes de criação do empreendedorismo pelo alto crescimento. Desta forma, este artigo objetiva identificar quais são os benefícios, para o indivíduo e para a sociedade, da educação empreendedora, assim como suas consequências e desafios.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### Empreendedorismo

O empreendedorismo tornou-se uma palavra de ordem: políticos e formuladores de políticas encaram o empreendedorismo como uma solução para os problemas sociais, enquanto na academia o empreendedorismo cresceu significativamente e pode ser considerado um campo bem-sucedido e próspero (LANDSTRÖM; HARIRCHI, 2018). A essência do empreendedorismo se baseia na ideia de transformação ou de algo que transpasse a lógica natural (ALMEIDA; VALADARES; SEDIYAMA, 2017). E também em um processo fluido que depende da interação bidirecional entre um indivíduo em desenvolvimento e seu contexto (GELDHOF et al., 2014).

O empreendedorismo, então, não acontece em um ambiente que não o encoraje; segundo Geldhof et al. (2014), o seu desenvolvimento exige condições especiais e econômicas que promovam as atividades empreendedoras, bem como as capacidades individuais de auxiliar as pessoas, criar e sustentar empresas produtivas. Pelas pesquisas de Ramos (2015), é possível afirmar que um empreendedor age e pensa de forma empreendedora, se baseando no que acredita ser uma oportunidade independente de suas demais habilidades e capacidades. A forma empreendedora de um indivíduo está relacionada com a visão de mundo e a visão de si mesmo (SCHAEFER; MINELLO, 2017). Assim, o empreendedorismo pode ser classificado como um acontecimento impulsionado por fenômenos que são unidos por um sistema de comunicação e interações sociais (LANDSTROM; HARIRCHI, 2018).

### ENSINO EMPREENDEDOR

Segundo Tavares, Moura e Alvez (2013), com a abertura da economia brasileira, na década de 90, o empreendedorismo ganhou força no país. Logo, pelos dados apresentados no relatório Empreendedorismo no Brasil: 2010 (GRECO, 2010) baseado nos dados do Global Entrepreneurship Monitor 2010, é um consenso a relação positiva que o empreendedorismo tem com a geração de riqueza e o crescimento econômico. Então, o empreendedorismo é fundamental para a geração de emprego e renda da população (TAVARES; MOURA; ALVEZ, 2013). Nesse sentido, promover a formação de novos empreendedores, comprometidos com o desenvolvimento econômico, social e ambiental, torna-se importante para o crescimento da sociedade (TAVARES; MOURA; ALVEZ, 2013, p. 2).

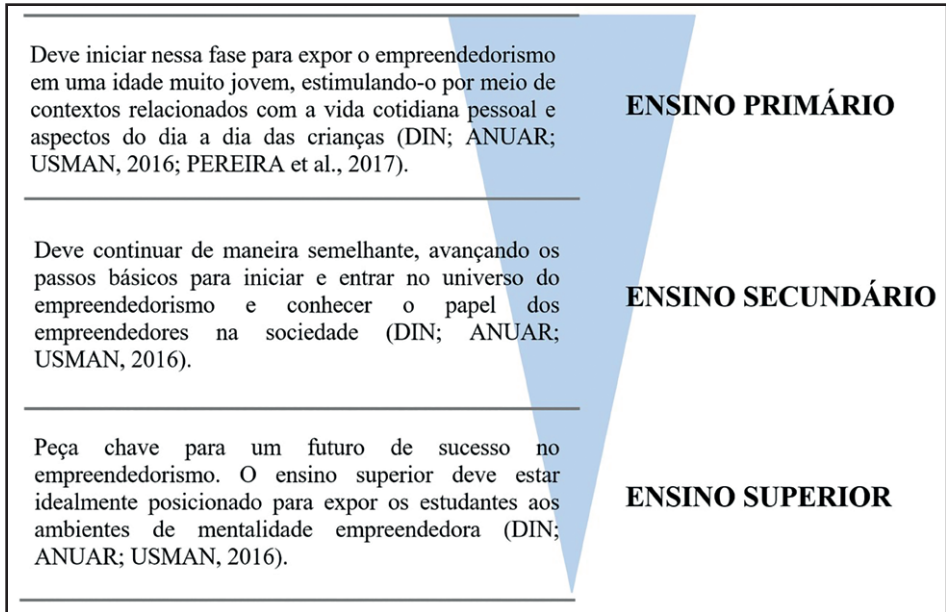
O empreendedorismo tornou-se um campo ativo de pesquisa em várias disciplinas de ciências sociais e uma preocupação proeminente da política econômica durante as últimas duas décadas (BRANDSTÄTTER, 2011). Educação empreendedora, então, está relacionada com a orientação para realização de escolhas, contribuindo para a estruturação do seu projeto de vida (TAVARES; MOURA; ALVEZ, 2013). Esses últimos autores também afirmam que ela está relacionada com o desenvolvimento de habilidades e competências, fortalecendo a liberdade do jovem para decidir qual o caminho que irá seguir.

Bergmann et al. (2018) defendem que, embora a participação em um curso de empreendedorismo possa ter um efeito negativo sobre as intenções empreendedoras de alguns indivíduos, Von Graevenitz et al. (2010) contrapõem alegando que essa participação aumenta a conscientização sobre a importância desse tema na percepção de que a universidade promove o pensamento e a atividade empreendedora, criando assim um clima de empreendedorismo positivo.

Na construção de um Programa de Educação Empreendedora, segundo Andrade e Torkomian (2001), é importante considerar aspectos para cada estágio de evolução. Quando em atividades isoladas, geralmente informais, normalmente estão relacionadas com informações ou projetos sobre criação de empresa, mercado de trabalho e tendência do trabalho (ANDRADE; TORKOMIAN, 2001). Os autores apresentam, ainda, que, quando o ensino do empreendedorismo é realizado por disciplina específica, ocorrendo a formalização da cultura empreendedora por programas de graduação (obrigatórias ou eletivas), o conceito abordado abrange plano de negócios, aspectos de mercado, aproveitamento de oportunidades na área e formação.

Para Geldhof et al. (2014), as atitudes e interesses dos jovens moldam seus planos em relação ao seu próprio futuro empresarial. Nesse viés, então, o estudo do empreendedorismo deve começar no nível da escola primária, para expor os alunos ao empreendedorismo em uma idade muito jovem (DIN; ANUAR; USMAN, 2016), como apresentado na Figura 1. As noções básicas devem ser introduzidas nessa fase para desenvolver seus interesses nesse campo, já que o ensino empreendedor precisa ser estimulado por meio de contextos relacionados com a vida cotidiana pessoal. Segundo Pereira et al. (2017), no ensino de crianças se torna essencial relacionar aspectos empreendedores com o dia a dia delas.

Figura 1: Descrição dos níveis de educação empreendedora básica.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

Assim, Landström e Harirchi (2018) dizem que o desenvolvimento de pesquisas e o crescimento da literatura sobre o tema reflete ao fato de que o empreendedorismo é ensinado em universidades de todo o mundo. Segundo os autores, o empreendedorismo atraiu estudiosos de diferentes disciplinas e tornou-se um campo altamente multidisciplinar, levando a uma comunidade acadêmica muito fragmentada, o que torna difícil identificar um grupo bem definido de acadêmicos interessados em empreendedorismo. Ferreira, Loiola e Godim (2017) afirmam que o interesse na formação empreendedora de estudantes universitários em instituições brasileiras de ensino superior tem aumentado continuamente desde a década de 1990.

Em relação ao que deveria ser ensinado, segundo Almeida, Valadares e Sedyama (2017), há alguns temas importantes que caracterizam os empreendedores e a criação de novos empreendimentos. Os temas em maior destaque são: domínio empreendedor e gerencial, financiamento de risco, empreendedorismo corporativo, estratégias empreendedoras, tipos de empreendedores, riscos e compensações do empreendedorismo, mulheres e empresários minoritários, espírito empreendedor, contribuições dos empreendedores e ética no empreendedorismo.

## PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Este estudo pode ser classificado como exploratório bibliográfico. Primeiramente exploratório, pois pretende proporcionar visão geral, de tipo aproximativo com o tema, com a finalidade de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias (GIL, 2008) acerca do tema de ensino do empreendedorismo. É também um estudo bibliográfico, pois se baseia em estudos já publicados, permitindo a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que uma pesquisa realizada diretamente (GIL, 2008).

A pesquisa foi realizada por meio da consulta de base de dados ScienceDirect. Primeiramente, a palavra-chave definida para busca foi “entrepreneurship”. A pesquisa, no entanto, não resultou em produções de artigos que se adequassem aos critérios propostos para o presente estudo. Sendo assim, foram realizadas outras duas pesquisas com as palavras-chaves “characterist and entrepreneurship” e “adolescent and entrepreneurship”, restringindo-se ao campo do título. Como a quantidade de conteúdo nos artigos ainda era insuficiente, foi feita uma nova pesquisa com as palavras-chaves ‘entrepreneurship and university’.

Durante a leitura dos artigos, por citações relevantes à pesquisa, outros artigos foram adicionados para leitura e utilizados para a construção deste capítulo. Revistas científicas nacionais com as temáticas de empreendedorismo e inovação também foram fonte de bibliografia para este trabalho, adicionando outros seis artigos neste trabalho.

Assim, foram incluídos neste estudo artigos científicos nacionais e internacionais teóricos e empíricos, como abordagens conceituais sobre empreendedorismo, ensino empreendedor, características e atitudes empreendedoras, relatos e estudos de ensino empreendedor, assim como o impacto desse ensino na sociedade.

## RESULTADOS

### Benefícios do ensino empreendedor

A capacidade de empreender, para Barreto (1998), não é proveniente de característica de personalidade pessoal, ela vem de um comportamento dirigido para a formação de um negócio que visa a resultados obtidos. Isso também inclui formação de empresas e “a criação de novas empresas além de contribuir com a geração de renda, estimula o crescimento econômico do país” (ALMEIDA; VALADARES; SEDIYAMA, 2017, p. 2). Logo, o empreendedorismo gera

mudanças e abre caminhos para novas ações empreendedoras (ALMEIDA; VALADARES; SEDIYAMA, 2017).

A pesquisa de Almeida, Valadares e Sedyima (2017) resulta que a variável empreendedorismo apresenta uma forte significância no crescimento econômico dos estados brasileiros ao longo do tempo analisado, ressaltando, ainda, que o empreendedorismo por si só não é um fator de crescimento econômico, seja por inovação ou promoção de novos negócios. Os autores consideram que o empreendedorismo é um fator que complementa os demais fatores determinantes na economia.

Logo, segundo Tavares, Moura e Alvez (2013), a formação de empreendedores tem uma grande importância para o crescimento econômico de uma região. Para os autores, a necessidade de contemplar a educação do empreendedorismo e das instituições de ensino surge justamente pela escassez dessa educação na formação de crianças e jovens, estabelecendo um ambiente propício ao desenvolvimento do empreendedorismo (TAVARES; MOURA; ALVEZ, 2013, p. 5).

Para Bergmann et al. (2018), graduandos que participam de cursos de empreendedorismo são mais propensos a se engajar em atividades desse meio e ter a ideia de um novo negócio. Parecido com a orientação empreendedora nas empresas trazidas por Lumpkin e Dess (1996), Bergmann et al. (2018) afirmam que as universidades podem ter uma orientação empreendedora e acrescentar medidas para estimular o pensamento empreendedor. A literatura sugere, segundo Başıç1 e Alkan (2015), que os estudantes percebem o apoio educacional e de desenvolvimento dos conceitos de suas universidades como altamente influentes em suas ações empreendedoras.

Comprovando isso, resultados de pesquisas de Premand et al. (2016) mostram que a educação empreendedora aumentou significativamente a taxa de auto emprego entre os licenciados universitários após um ano de formado. Os países europeus também percebem como o empreendedorismo pode trazer benefícios para sua economia e, segundo Din, Anuar e Usman (2016), trazer a educação empreendedora para a sociedade é um dos passos para impulsionar a economia dos países.

Programas de educação para o empreendedorismo criam alta satisfação no trabalho e melhoram o status de vida. Ou seja, níveis altos de empreendedorismo levam a educação a obter ganhos maiores e reduz o nível de desemprego. Muitas universidades em todo o mundo estão em processo de fortalecer seus programas de educação para o empreendedorismo, a fim de criar empreendedores no futuro (DIN; ANUAR; USMAN, 2016).



Para estudantes com desejos empreendedores, de acordo com pesquisa de Shih e Huang (2017), um importante objetivo de ingressar em um curso de empreendedorismo é ganhar experiência em trabalho interdisciplinar. Trabalhando interdisciplinaridade, a instituição de ensino superior incentiva os alunos a aprenderem e a trabalhar com pessoas de diferentes origens, permitindo avaliação de oportunidade de negócios a partir de diferentes perspectivas (SHIH; HUANG, 2017).

## **Desafios do ensino empreendedor**

Tavares, Moura e Alvez (2013) afirmam que conhecer o empreendedor e suas atitudes, então, é algo muito relevante para a melhoria da situação dos empreendedores. O crescimento econômico é direcionado por fatores que interagem entre si e, no centro dessa transformação, encontra-se o empreendedor (ALMEIDA; VALADARES; SEDIYAMA, 2017).

O GEM (programa de pesquisa Global Entrepreneurship Monitor) avalia anualmente as atividades empreendedoras a nível nacional e, segundo Tavares, Moura e Alvez (2013), o segundo relatório de 2009 revela que os empreendimentos são caracterizados por ter iniciativas relacionadas às suas necessidades. A função do empreendedor, então, é “a concepção de novos mercados, indústrias, produtos e meios de produção capazes de modificar os padrões de consumo atuais da economia, de tal forma que esses se tornem visualmente obsoletos” (ALMEIDA; VALADARES; SEDIYAMA, 2017, p. 9).

Então, o progresso econômico é estimulado pela busca incansável da inovação, e de maneira geral, o nível nacional de empreendedorismo é constituído por pessoas que empreendem seus negócios sem o conhecimento necessário, principalmente a área relacionada ao planejamento e gerenciamento do empreendimento (TAVARES; MOURA; ALVEZ, 2013).

No entanto, no ensino do empreendedorismo, segundo Ferreira, Loiola e Gondim (2017), os estudantes universitários querem atingir metas e desafios, assim como superar obstáculos, para que seja possível ver seu sucesso como resultado de suas próprias ações. Mas nem sempre essa expectativa é alcançada. O ambiente universitário talvez ofereça poucas experiências que permitem o aluno ousar, inovar e aprender a lidar com o risco do fracasso (FERREIRA; LOIOLA; GONDIM, 2017). Em adição a isso, Ladström e Harirchi (2018) afirmam que o empreendedorismo como campo acadêmico é altamente fragmentado e multidisciplinar e, como consequência, é difícil identificar os acadêmicos ativos dentro do dele.



Um dos motivos para essa falha no ensino empreendedor, segundo Premand et al. (2016), é a falta de melhores fundamentos da teoria psicológica, deixando aberto o campo das dimensões de personalidades e o perfil empreendedor ensinado. O nível de confiança de adultos envolvidos nas atividades inovadoras é importante, já que ela traz experiência com trabalho em equipe quando implementadas em projetos (SIMACHEVA et al., 2017). Segundo Simacheva et al. (2017), é necessário apoio psicológico focando na minimização dos déficits existentes, como desconfiança de si e de outros, baixo nível de cultura comunicativa e falta de habilidade para trabalhar em equipe.

Outro motivo, para Başı e Alkan (2015), é que a alocação de recursos para esses ensinamentos ainda é escassa dentro da universidade, o que serve de alerta para os membros da universidade que promovem o empreendedorismo, e o apoio ao empreendedorismo está limitado aos orçamentos das universidades. Para que seja possível superar esse problema, as universidades podem estabelecer um negócio que propicie apoio aos alunos que querem investigar e iniciar um negócio (BAŞCI; ALKAN, 2015). Isso se confirma nas pesquisas de Premand et al. (2016); pelos seus resultados, existe uma eficácia limitada para educação e formação do empreendedorismo oferecida aos alunos pelas universidades. “Torna-se necessário analisar a importância do ensino sobre empreendedorismo como meio de estimular o comportamento das pessoas” (TAVARES; MOURA; ALVEZ, 2013, p. 5).

Segundo Ferreira, Loiola e Gondim (2017), mesmo que os resultados de pesquisas sobre a motivação e o raciocínio que levam estudantes universitários a seguir o caminho da carreira empreendedora indiquem um conjunto de variáveis pessoais e contextuais que, hipoteticamente, explicam a escolha de carreira empreendedora dos universitários em geral, pouco se sabe sobre as diferenças na influência de tais variáveis entre estudantes empreendedores experientes, estudantes não experientes e estudantes que são potenciais empreendedores. É preciso entender o processo de geração de ideias e avaliações e como obter conhecimento sobre fontes de ideias. Apenas após passar por esse estágio que os alunos terão a necessidade de aprender e desenvolver um plano de negócio (FERREIRA; LOIOLA; GONDIM, 2017).

É necessário proporcionar ambientes favoráveis ao ensino empreendedor, que incluam espaços de discussão e reflexão imersos em um sistema de suporte que incentive o empreendedor (TAVARES; MOURA; ALVEZ, 2013), além de um conjunto de disciplinas específicas, que levam foco em negócios, aspectos comportamentais, análise técnicas e desenvolvimento de pesquisa (ANDRADE; TORKOMIAN, 2001).

No entanto, em instituições de ensino superior, a educação para o empreendedorismo incorpora um discurso político mais amplo sobre como as universidades criam valor para a economia e sociedade (SHIH; HUANG, 2017). Seguindo ideias de Testa e Frasier (2015), para alcançar o objetivo de fazer com que os alunos realmente considerem o empreendedorismo e o trabalho autônomo como alternativas válidas e atraentes para o salário pago, emprego ou desemprego, é útil trabalhar em duas direções. No primeiro estágio, os alunos precisam entender as maneiras pelas quais seu próprio conhecimento pessoal pode ser usado no trabalho autônomo, entender o que ele significa, ter *insight* pessoal e desenvolver atitude positiva do papel e imagem do que são empreendedores.

No nível secundário, a educação deve continuar semelhante, cobrindo os passos básicos para iniciar e entrar no mundo dos empreendedores e o papel dos empreendedores na sociedade (DIN; ANUAR; USMAN, 2016). Por fim, os autores afirmam que o desenvolvimento de graduandos empreendedores é a peça-chave para um futuro de sucesso no empreendedorismo: universidades e outras instituições de ensino superior devem estar idealmente posicionadas para expor os estudantes a ambientes de mentalidade empreendedora.

Outra solução apresentada pelo GEM (programa de pesquisa *Global Entrepreneurship Monitor*) é trazer a inserção da educação empreendedora já na escola fundamental, pois quanto mais cedo os conceitos do empreendedorismo forem ensinados, maior será o resultado em jovens, aumentando a possibilidade de se tornarem empreendedores no futuro. Além disso, possibilita uma aproximação das escolas e universidades em atividades que estimulem o empreendedorismo.

Andrade e Torkomian (2001) ainda trazem a ideia do Centro de Empreendedorismo, que contém estímulo à cultura empreendedora dentro de toda a instituição. Esse centro tem características relacionadas à integração com a comunidade empresarial, presença de incubadoras de empresas, empresas juniores, prestação de serviços para a comunidade envolvendo consultoria, assessoria e treinamento em aspectos relacionados à criação e gestão de empresas, vivência empresarial dos alunos na comunidade e uma integração com o corpo docente da instituição no que diz respeito à cultura empreendedora nas ementas das disciplinas do programa de graduação (ANDRADE; TORKOMIAN, 2001).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo com a evolução e a disseminação de pesquisas sobre empreendedorismo e ensino, ainda hoje é difícil avaliar o real impacto do ensino do

empreendedorismo. O ensino empreendedor se tornou um campo altamente ativo em pesquisas, visto a crescente preocupação da política econômica. O ensino empreendedor alcançou universidades em todo o mundo, como um campo interdisciplinar, mas pouco se sabe sobre a influência das suas variáveis.

Percebe-se, também, que a economia se beneficia com a formação de novas mentes empreendedoras, principalmente pela redução do desemprego e pelo aumento do auto emprego e que os programas de ensino de empreendedorismo desafiam e surpreendem os alunos. Isso porque o empreendedorismo concretiza mudanças que geram oportunidades para novas ações empreendedoras. Também, foi notável que a educação do empreendedorismo cria um contentamento no meio em que trabalha e melhora a condição de vida do indivíduo.

Porém, tanta interdisciplinaridade, grande dependência de investimento e a falta de melhoria nas fundamentações da teoria psicológica, delineando mais especificamente dimensões de personalidades empreendedoras nas universidades, criam uma falsa sensação sobre a comunidade empreendedora acadêmica. Isso não permite que os alunos tenham um verdadeiro espaço para criar, inovar e lidar com fracasso, trazendo uma ineficácia na formação de empreendedores.

Para trabalhos futuros, recomenda-se a realização de estudos empíricos e estudos de caso que relatem práticas de ensino empreendedor no ensino superior, assim como os seus desafios, benefícios e as consequências desse ensino na vida profissional.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. M.; VALADARES J.; SEDIYAMA, G. A contribuição do empreendedorismo para o crescimento econômico dos estados Brasileiros. **REGPE-Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, 6 (3), p. 466-494, 2017.

ANDRADE, R. F. de; TORKOMIAN, Ana L. V. Fatores de influência na estruturação de programas de educação empreendedora em instituições de ensino superior. **Encontro de estudos sobre empreendedorismo e gestão de pequenas empresas**, v. 2, p. 299-311, 2001.

BARRETO, L. P. **Educação para o empreendedorismo**. Salvador: Escola de Administração de Empresas da Universidade Católica de Salvador, 1998.

BAŞCI, E. S.; ALKAN, R. M. Entrepreneurship education at universities: suggestion for a model using financial support. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 195, p. 856-861, 2015.

BERGMANN, H. *et al.* The climate for entrepreneurship at higher education institutions. **Research Policy**, v. 47, n. 4, p. 700-716, 2018.

BRANDSTÄTTER, H. Personality aspects of entrepreneurship: A look at five meta-analyses. **Personality and individual differences**, v. 51, n. 3, p. 222-230, 2011.

DIN, B. H.; ANUAR, A. R.; USMAN, M. The effectiveness of the entrepreneurship education program in upgrading entrepreneurial skills among public university students. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 224, p. 117-123, 2016.

FERREIRA, A. S. M.; LOIOLA, E.; GONDIM, S. M. G. Motivations, business planning, and risk management: entrepreneurship among university students. **RAI Revista de Administração e Inovação**, v. 14, n. 2, p. 140-150, 2017.

GELDHOF, G. J. *et al.* Entrepreneurship in young adults: Initial findings from the young entrepreneurs study. **Journal of Applied Developmental Psychology**, v. 35, n. 5, p. 410-421, 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo : Editora Atlas SA, 2008.

GRECO, S. *et al.* **Empreendedorismo no Brasil: 2010**. Curitiba: IBQP, 2010.

LANDSTRÖM, H.; HARIRCHI, G. The social structure of entrepreneurship as a scientific field. **Research Policy**, v. 47, n. 3, p. 650-662, 2018.

LUMPKIN, G. T.; DESS, G. G. Enriching the Entrepreneurial Orientation Construct-A Reply to» Entrepreneurial Orientation or Pioneer Advantage». **The Academy of Management Review**. v. 21, n. 3. p. 605-607, 1996.

PEREIRA, G. S.; SOUZA, R. K.; TEIXEIRA, C. S. Jogos para promover o empreendedorismo em novas gerações o case do “Mente Empreendedora”. *In: Congresso Nacional de Inovação e Tecnologia, 2018, São Bento do Sul. Anais... . São Bento do Sul, 2018.*

PREMAND, P. *et al.* Entrepreneurship education and entry into self-employment among university graduates. **World Development**, v. 77, p. 311-327, 2016.

RAMOS, J. L. G. **Aprendizagem Empreendedora Diante Do Insucesso Empresarial: uma perspectiva de empreendedores brasileiros e uruguaios que vivenciaram o fracasso empresarial.** 2015. 202 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Administração, UFSM, Santa Maria, 2015.

RIDEOUT, E. C.; GRAY, D. O. Does entrepreneurship education really work? A review and methodological critique of the empirical literature on the effects of university-based entrepreneurship education. **Journal of Small Business Management**, v. 51, n. 3, p. 329-351, 2013.

SCHAEFER, R.; MINELLO, I. F. Mentalidade Empreendedora: O Modo De Pensar Do Indivíduo Empreendedor (Entrepreneurial Mentality: From the Way of Thinking to the Way of Acting of the Entrepreneur). Schaefer, R., & Minello, I.(2017). Mentalidade Empreendedora: O Modo de Pensar do Indivíduo Empreendedor. **REGEPE-Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 6, n. 3, p. 495-524, 2017.

SHIH, T.; HUANG, Y. A case study on technology entrepreneurship education at a Taiwanese research university. **Asia Pacific Management Review**, v. 22, n. 4, p. 202-211, 2017.

SIMACHEVA, A. *et al.* Trust Development in One’s Self and in Others of University Students Engaged in Innovative Activity. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 237, p. 1366-1370, 2017.

TESTA, S.; FRASCHERI, S. Learning by failing: What we can learn from unsuccessful entrepreneurship education. **The International Journal of Management Education**, v. 13, n. 1, p. 11-22, 2015.

TAVARES, C. E. M.; MOURA, G. L.; ALVES, J. N. Educação empreendedora e a geração de novos negócios. **Observatorio de la Economía Latinoamericana**, n. 188, 2013.

VON GRAEVENITZ, G.; HARHOFF, D.; WEBER, R. The effects of entrepreneurship education. **Journal of Economic Behavior & Organization**, v. 76, n. 1, p. 90-112, 2010.